

O RETORNO AO MITO DA CAVERNA NUCLEAR

O delicado equilíbrio de poder mundial multipolar atual pode fazer com que a ideia de que seria possível um Estado vencer uma guerra nuclear volte à mente de estrategistas e políticos. Não existe ideia mais perigosa para a humanidade do que a de uma “guerra nuclear limitada” que possa ser vencida por uma das partes em contenda. Essa ideia parece estar ressurgindo nas potências nucleares atuais e potenciais. Interromper essa “marcha da insensatez” é tão vital para o futuro da humanidade como reverter a marcha das mudanças climáticas, ameaça de mais longo prazo, porém muito mais mediatizada.

LEONAM DOS SANTOS GUIMARÃES*
Capitão de Mar e Guerra (RM1-EN)

O anel de Gíges¹ é uma lenda que integra “A República” de Platão². Gíges era um pastor que servia ao soberano da Lídia. Devido a uma grande tempestade e tremor de terra, rasgou-se o solo e abriu-se uma fenda no local onde ele apascentava seu rebanho. Admirado ao ver tal coisa, desceu por lá e contemplou, entre outras maravilhas, um cavalo de bronze oco, mas com aberturas. Espreitando através delas viu lá dentro um cadáver, aparentemente maior do que um homem normal, e que não tinha mais nada senão um anel de ouro na mão. Arrancou-o e saiu. Como os pastores se tivessem reunido, da maneira habitual,

a fim de comunicarem ao rei, como todos os meses, informações sobre seus rebanhos, Gíges foi lá também, mas usando seu novo anel.

Estando ele sentado no meio dos outros pastores, deu por acaso uma volta ao engaste do anel para dentro, em direção à parte interna da mão e, ao fazer isso, tornou-se invisível para os que estavam ao lado, os quais falavam dele como se tivesse ido embora. Admirado, passou de novo sua mão pelo anel e virou para fora o engaste. Assim que o fez, tornou-se visível. Tendo observado estes fatos, experimentou mais vezes para ver se o anel tinha mesmo

* Diretor de Planejamento, Gestão e Meio Ambiente da Eletrobras Eletronuclear. Doutor em Engenharia e membro do Standing Advisory Group on Nuclear Energy (SAGNE) da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

1 The Ring of Gyges. http://plato-dialogues.org/tetra_4/republic/gyges.htm

2 A República, Platão, http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf

aquele poder. Verificou que, se voltasse o engaste para dentro, se tornava invisível; se o voltasse para fora, ficava visível. Assim, senhor de si, logo fez com que fosse um dos delegados que iam se encontrar com o rei. Uma vez lá chegando, seduziu a mulher do soberano e, com o auxílio dela, atacou-o, tomando o trono da Lídia.

A parábola do anel de Giges há muito tempo chama a atenção dos cientistas políticos e psicólogos de todo o mundo, sendo objeto de muitas investigações filosóficas³. Dentre as diversas interpretações plausíveis, pode ser vista como uma interação entre um poder desequilibrado dado a um homem e seu comportamento ético. Tal interação pode ser tomada de forma mais ampla como uma metáfora de uma tecnologia disruptiva, uma nova fonte de poder tecnológico (o anel), que propicia a um Estado (Giges) tornar-se hegemônico globalmente (tomando o trono da Lídia).

Ao final da Segunda Guerra Mundial, o “anel de Giges nuclear” tornou os EUA a superpotência hegemônica, na sequência dos objetivos de uma “Grande Estratégia”⁴ aplicada continuamente desde o século XVIII. Entretanto, não demorou muito para outros países adentrarem na “caverna nuclear”⁵ e encontrarem também seus anéis. Com isso,

uma guerra entre as grandes potências que o possuíam acabou se tornando em pouco tempo suicida. Sua proliferação horizontal (vários países o possuem) e vertical (em cada vez maior quantidade) gerou o risco de que um confronto convencional entre superpotências poderia levar a uma escalada catastrófica e, assim, permitiu evitar uma temida, e felizmente nunca ocorrida até hoje, terceira guerra mundial.

No entanto, o “anel de Giges nuclear” não eliminou, longe disso, a tendência inerente da humanidade em competir pela he-

A parábola do anel de Giges há muito tempo chama a atenção dos cientistas políticos e psicólogos, sendo objeto de muitas investigações filosóficas. Pode ser vista como uma interação entre um poder desequilibrado dado a um homem e seu comportamento ético

gemonia, segundo comportamentos nem sempre éticos. Os Estados não podem confiar em intenções e, portanto, avaliam as capacidades dos seus adversários. Nenhum Estado pode ter exata certeza sobre as capacidades de seus concorrentes e, portanto, devem se preparar para os piores cenários e “pensar o impensável”. Este conceito de desconfiança tem destaque no pensamento estratégico, resumido por Sun Tzu na questão:

“Você pode imaginar o que eu faria se eu pudesse fazer tudo o que posso?”.

Hoje, o imperativo tecnológico existe no sentido de que os tomadores de decisão têm que considerar como responder às mudanças tecnológicas reais e potenciais. Este não é apenas um fenômeno puramente racional e determinista. As decisões sobre

3 O anel de Gyges, Luiz Maurício Menezes, Investigação Filosófica: vol. 3, n. 1, artigo digital 3, 2012.<http://pt.scribd.com/doc/105302333/Luiz-Mauricio-Menezes-O-anel-de-Gyges>

4 A Grande Estratégia dos EUA, Leonam dos Santos Guimarães, <http://blogceiri.com.br/a-grande-estrategia-dos-eua/>

5 A (contra) ameaça nuclear, Leonam dos Santos, Guimarães, [http://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/4179/A-\(contra\)-ameaca-nuclear/](http://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/4179/A-(contra)-ameaca-nuclear/)

quais tecnologias de segurança e defesa o Estado deve escolher para desenvolver são moldadas por um processo contínuo de respostas recíprocas e pelos imperativos de seus concorrentes. Na era industrial, cada grande economia tem um potencial militar latente, que alimenta o “imperativo tecnológico”, devido à ligação direta entre as esferas civil e militar da tecnologia.

O imperativo tecnológico é, portanto, o resultado de sistemas econômicos industriais que baseiam a sua vitalidade econômica e crescimento contínuo em C&T e projetos de P&D. Mesmo que os projetos de P&D estejam localizados dentro do setor civil, a utilização dual⁶ de suas inovações garante que uma “dissuasão embutida” vai seguindo uma tendência ascendente. Nesse sentido, as grandes potências não podem ficar indiferentes ao progresso econômico e tecnológico de outros Estados e, assim, a concorrência é feroz e sem esmorecer. A

metáfora do anel de Gíges exemplifica plenamente o papel da C&T na estratégia das grandes potências atuais.

Desde o fim da Guerra Fria as Forças Armadas dos EUA foram tão bem financiadas e se tornaram tão tecnologicamente superiores que seria completamente temerário para qualquer Estado lançar um desafio direto à superpotência hegemônica global ou a seus aliados. Esta situação ainda se mantém até hoje, mas ela não é mais tão absoluta como já foi. Embora os EUA ainda possuam, de longe, as Forças Armadas mais capazes do mundo, a vantagem tecnoló-

gica que lhe garantiria derrotar qualquer adversário concebível está se reduzindo rapidamente.

Estamos entrando em uma era onde o domínio americano nos mares, no céu e no espaço, para não mencionar o ciberespaço, já não pode ser tido como certo. Torna-se, portanto, urgentemente necessário para os EUA desenvolverem uma nova geração de tecnologias militares, de forma que outros países não venham a se sentir capazes de contestar sua hegemonia.

Esses outros países certamente estão crescendo e se sentindo mais capazes⁷. A China está cada vez mais interessada em pressionar pelas suas reivindicações territoriais no Pacífico Ocidental. A Rússia tem a

Nenhum Estado pode ter exata certeza sobre as capacidades de seus concorrentes. Assim, devem “pensar o impensável”

clara intenção de restabelecer a sua influência na região que sempre considerou ser formada por “países satélites”, como tem mostrado na Ucrânia. Estados menos poderosos, e mais imprudentes, como a Coreia do Norte e o Irã,

podem também tornar-se mais inclinados a endurecer suas posições, se passarem a acreditar que poderiam causar dano significativo às forças americanas, fazendo Washington pensar duas vezes antes de atacá-los.

Simultaneamente, antigos aliados dos EUA, como Japão, Coreia do Sul, Israel, Arábia Saudita e Turquia, já não parecem sentir-se tão confortáveis com o “guarda-chuva” de proteção americano e ensaiam ações independentes de defesa contra potenciais inimigos comuns. Por outro lado, novos aliados, como os países do leste da Europa

6 Dual-use technology, https://en.wikipedia.org/wiki/Dual-use_technology

7 A marcha da insensatez hoje, Leonam dos Santos Guimaraes, <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opinioao/40640/a+marcha+da+insensatez+hoje.shtml>

e do Sudeste da Ásia, estreitam relações com os EUA na medida em que se sentem ameaçados pelas crescentes capacidades respectivamente da Rússia e da China.

Pela terceira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA percebem a urgente necessidade de avanços tecnológicos para compensar as vantagens de potenciais inimigos e tranquilizar seus aliados, ou seja, reencontrar o desejado anel de Gíges.

O primeiro desses momentos ocorreu no início dos anos 1950, quando a União Soviética passou a ter forças convencionais na Europa muito maiores do que as que os EUA e seus aliados poderiam derrotar. A resposta americana foi aumentar a vantagem numérica em forças nucleares para combater a União Soviética, introduzindo, inclusive, diversos tipos de armas de uso tático para o combate direto a essas forças convencionais superiores.

Nos anos 1980, situação similar se repetiu. Os planejadores militares americanos, se recuperando da derrota na guerra do Vietnã, reconheceram que a União Soviética tinha conseguido construir um arsenal nuclear igualmente poderoso, chegando-se à situação de Mutual Assured Destruction (MAD)⁸. Tornou-se então necessário encontrar outra maneira de restaurar uma dissuasão crível na Europa. Ousadamente, os EUA responderam investindo em uma família de tecnologias ainda não experimentadas, destinadas a destruir as forças inimigas bem atrás da linha de frente.

Lançada pelo Presidente Ronald Reagan em 1983, a Strategic Defense Initiative (SDI)⁹, ou Guerra nas Estrelas, como ficou mais conhecida, deu uma contribuição fundamental para o fim da Guerra Fria e a derrocada da União Soviética, mesmo que seus objetivos finais nunca chegassem a ser atingidos. Entretanto, novas tecnologias desenvolvidas desde então deram nascimento a inovações tecnológicas que propiciaram aquilo que passou a ser chamado de Revolution in Military Affairs (RMA)¹⁰ da qual faz parte a doutrina do “Shock and Awe”¹¹.

Os mísseis de precisão cirúrgica, o “networked battlefield”, os satélites de reconhecimento, o sistema GPS e as aeronaves “stealth” foram frutos desse esforço de P&D.

Os EUA assim tinham encontrado um novo anel de Gíges que os mais prováveis

**As circunstâncias
econômicas, políticas e
técnicas de hoje são muito
diferentes daquelas que
prevalciam na década
passada**

adversários não conseguiriam copiar. A efetividade desta Revolução nos Assuntos Militares foi demonstrada em 1991, durante a primeira Guerra do Golfo e aperfeiçoada em 2003, na invasão do Iraque. Bunkers militares inimigos foram reduzidos a escombros, e suas formações blindadas de estilo soviético tornaram-se alvos fáceis. A doutrina do “Shock and Awe” se mostrou efetiva. Os estrategistas estrangeiros ficaram impressionados com essas demonstrações, mas igualmente determinados a aprender com elas.

Essa grande vantagem que os EUA conseguiram vem, porém, diminuindo paulatinamente. Embora o Pentágono

8 Mutual assured destruction, https://en.wikipedia.org/wiki/Mutual_assured_destruction

9 Strategic Defense Initiative, https://en.wikipedia.org/wiki/Strategic_Defense_Initiative

10 Revolution in Military Affairs, https://en.wikipedia.org/wiki/Revolution_in_Military_Affairs

11 Shock and awe, https://en.wikipedia.org/wiki/Shock_and_awe

tenha aperfeiçoado e melhorado muito as tecnologias que foram utilizadas nas guerras do Golfo, essas tecnologias também têm proliferado e se tornado muito mais disponíveis e baratas pela disseminação de suas aplicações civis.

Além disso, durante os longos anos de missões de contra-insurgência e estabilização no Afeganistão e no Iraque, o Pentágono passou a estar mais focado em produzir carros blindados resistentes a minas e drones de vigilância e ataque do que em efetivas inovações para manter-se bem à frente dos concorrentes militares.

Chega-se, portanto, ao momento atual em que os EUA têm que buscar um novo anel de Giges, uma outra estratégia baseada em novos avanços tecnológicos. O desenvolvimento do sistema Prompt Global Strike (PGS)¹² é um exemplo desse esforço.

Entretanto, as circunstâncias econômicas, políticas e técnicas de hoje são muito diferentes daquelas que prevaleciam na década passada¹³, tendo surgido vários obstáculos que dificultam a repetição dos resultados obtidos pelos EUA desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Mesmo se todos estes obstáculos vierem a ser superados, é pouco provável que essa nova estratégia garanta um domínio militar dos EUA por longo prazo, como as anteriores propiciaram. A tecnologia se difunde

muito mais rapidamente nos dias de hoje, em parte graças à internet, que o próprio Pentágono ajudou a criar. Além disso, mudanças tecnológicas de todos os tipos se tornaram mais rápidas, graças a uma concorrência feroz nos mercados consumidores civis, e fortemente condicionada pelo uso dual. Na disputa tecnológica militar atual, a concorrência será implacável, multipolar e os êxitos provavelmente mais fugazes.

Esse fato, entretanto, tem uma característica bastante alarmante, e que é pouco discutida. No desenvolvimento de novas estratégias, tem se assumido que a lógica

Uma resposta racional à superioridade tecnológica de um competidor pode se tornar uma diplomacia nuclear muito arriscada

da dissuasão nuclear e a política do “no first use”¹⁴ sobreviveria a um intenso conflito convencional. Novos sistemas, como o PGS, raramente mencionam as armas nucleares¹⁵. A busca por um novo anel de Giges convencional pode, entretanto,

se tornar um incentivo para os oponentes responderem com estratégias de escalada nuclear.

Uma resposta racional à superioridade tecnológica de um competidor pode se tornar uma diplomacia nuclear muito arriscada. Num mundo multipolar em que a hegemonia dos EUA vem se degradando, essa resposta pode ser dada por mais de um adversário e mesmo contra outro país que não seja os EUA, num processo que o grande estrategista Thomas Schelling¹⁶ chamou de “competição na tomada de ris-

12 Prompt Global Strike, https://en.wikipedia.org/wiki/Prompt_Global_Strike

13 Who's afraid of America?, <http://www.economist.com/news/international/21654066-military-playing-field-more-even-it-has-been-many-years-big>

14 No first use, https://en.wikipedia.org/wiki/No_first_use

15 Conventional Prompt Global Strike (CPGS) weapons, <http://missilethreat.com/missile-class/conventional-prompt-global-strike-cpgs-weapons/>

16 Thomas Schelling, https://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Schelling

cos” no qual um inimigo passa a acreditar que poderia vencer.

Nesse sentido, o mundo parece estar entrando em um processo de real crescimento das ameaças nucleares¹⁷ que talvez seja mais perigoso do que aquele levou à MAD. A evolução da precisão e da velocidade dos mísseis, a retomada do desenvolvimento e emprego de armas nucleares táticas, o desenvolvimento de Multiple Independant Re-Entry Vehicles (MIRVs)¹⁸ por novos países¹⁹, a modernização militar de China e Rússia e as recentes tensões no Leste Europeu (Ucrânia) e Sudeste Asiático (ilhas do Mar da China Meridional), somadas às antigas, mas sempre renovadas, no Oriente Médio (Irã, Israel, Arábia Saudita, Iraque, Síria, Egito) e Extremo Oriente (Coreia e Taiwan), parecem apontar para uma nova “Marcha da Insensatez”.

No seu livro *A Marcha da Insensatez: de Troia ao Vietnã*²⁰, Bárbara W. Tuchman demonstrou, através de exemplos históricos, que governos nacionais executam atos autodestrutivos por não reconhecerem a existência de alternativas mais razoáveis com respeito aos interesses das próprias nações que representam. Ela ainda identifica a causa fundamental desses desastros: a impotência da razão ante os apelos da cobiça, da ambição egoísta e da covardia moral.

Ao longo desse ano de 2015 temos visto se sucederem comemorações dos 70 anos

do fim da II Guerra Mundial. As cicatrizes por ela deixadas nos fazem recordar as terríveis consequências de conflitos entre grandes potências militares. Nesse contexto, os governos atuais dessas potências deveriam pautar suas ações na redução do risco de confrontos no futuro. Infelizmente, quando se analisa suas condutas recentes, eles têm agido no sentido oposto.

O orgulho nacional e a pressão política doméstica para “mostrar a bandeira” e “demonstrar credibilidade” têm sistematicamente sido sobrepostos ao bom senso na condução da política externa das grandes potências. Diversas de suas ações recentes se aproximam perigosamente dos momentos mais ‘quentes’ da Guerra Fria²¹.

Por exemplo, a Rússia tem repetidamente feito voos militares provocativos perto do espaço aéreo dos membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), especialmente das três repúblicas bálticas. Em uma ocasião, bombardeiros russos chegaram até mesmo a sobrevoar áreas próximas a espaço aéreo da Grã-Bretanha²². A natureza tola de tais manobras foi sublinhada pela obsolescência tecnológica dos aviões bombardeiros que as perpetraram, Tu-95 “Bear”, operacionais desde 1952²³. Os comandantes militares britânicos e da OTAN não seriam provavelmente suscetíveis à intimidação por armamento de tecnologia tão antiga. Desse modo, tais

17 As Reais Ameaças Nucleares na Atualidade, Leonm dos Santos Guimaraes, <http://www.defesenet.com.br/nuclear/noticia/18298/As-Reais-Ameacas-Nucleares-na-Atualidade/>

18 Multiple independently targetable reentry vehicle, https://en.wikipedia.org/wiki/Multiple_independently_targetable_reentry_vehicle

19 Ninguém está falando da mais perigosa ameaça nuclear de hoje: desenvolvimento de mísseis MIRV pela China e pela Índia, Leonam dos Santos Guimaraes, <http://www.jornal.ceiri.com.br/ninguem-esta-falando-da-mais-perigosa-ameaca-nuclear-de- hoje-desenvolvimento-de-missegis-mirv-pela-china-e-india/>

20 *A Marcha da Insensatez: De Tróia ao Vietnã*, Tuchman, Barbara Wertheim, <http://www.saraiva.com.br/a-marcha-da-insensatez-de-troia-ao-vietna-363123.html>

21 Falso Alarme, Verdadeira Catástrofe, Leonam dos Santos Guimarães, <http://www.jornal.ceiri.com.br/falso-alar-me-verdadeira-catastrofe/>

22 UK summons Russian envoy after bombers fly over English Channel, <http://www.cnn.com/2015/01/29/world/uk-russia-bombers-intercepted/>

23 Tupolev Tu-95, http://pt.wikipedia.org/wiki/Tupolev_Tu-95_Bear

sobrevoos consistiriam numa combinação do inútil com o desagradável, ou seja, o epítome de uma provocação desnecessária.

Os voos por aviões de combate e vigilância russos modernos na região do Báltico são mais graves, como também são incidentes que têm envolvido navios de guerra russos operando perto das águas territoriais de vários países europeus. As autoridades norte-americanas e da OTAN têm repetidamente denunciado tal conduta²⁴.

Por outro lado, os membros da OTAN também se engajaram em ações provocativas desnecessárias. Em fevereiro de 2015, a aliança realizou exercícios²⁵ com tanques e 1.400 militares perto de Narva, Estônia, chegando a apenas 200 metros da fronteira russa. No final de maio, aviões russos interceptaram um contratorpedeiro dos EUA²⁶ que estava operando no Mar Negro, adjacente às águas territoriais da Rússia, perto de sua base naval na península da Crimeia.

Tais gestos certamente não proporcionam benefícios militares tangíveis. A realização de manobras com as forças terrestres nas repúblicas bálticas é uma questão simbólica. Um oficial de alta patente da OTAN admitiu recentemente que a Rússia poderia ocupar todos os três estados bálticos em questão de dias²⁷, se Moscou efetivamente quisesse dar esse passo temerário. A menos que a OTAN esteja disposta a lutar uma guerra em grande escala com uma Rússia dotada de um enorme arsenal de armas

nucleares, a aliança pouco poderia fazer para evitar tal resultado.

Manobras militares na escala de batalhão, como as que têm sido feitas, não são susceptíveis de pesar decisivamente na avaliação do Kremlin sobre a real possibilidade da OTAN honrar sua promessa de que o ataque contra um membro seria considerado um ataque contra todos. Vladimir Putin e seus assessores podem acreditar nesse compromisso ou o considerarem um blefe, mas gestos militares simbólicos como essas manobras provavelmente não alteram de maneira significativa seus cálculos.

Do outro lado do mundo, as grandes potências também exibem uma tendência crescente de se envolver em gestos provocativos, elevando os riscos de confronto. Isso é especialmente verdadeiro em relação à disputa territorial em curso entre China e Japão sobre as ilhas Senkaku/Diaoyu no Mar da China Oriental. Barcos de pesca chineses frequentemente entram nas águas no entorno dessas pequenas ilhas e aeronaves militares chinesas os sobrevoam bem de perto. Em novembro de 2013, Pequim proclamou uma zona de identificação de defesa aérea Air Defense Identification Zone (ADIZ)²⁸ sobre a disputada região, apesar das objeções veementes de Tóquio e Washington. Aviões norte-americanos imediatamente desafiaram essa nova zona²⁹ e realizaram voos militares através desse espaço aéreo, sem notificar a China.

24 NATO Accuses Moscow Of Endangering Civil Aviation In Baltic Region, <http://www.hngn.com/articles/52922/20141215/nato-accuses-moscow-of-endangering-civil-aviation-in-baltic-region.htm>

25 U.S. military vehicles paraded 300 yards from the Russian border, <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2015/02/24/u-s-military-vehicles-paraded-300-yards-from-the-russian-border/>

26 Russia warplanes head off US destroyer in Black Sea, <http://www.aljazeera.com/news/2015/05/russia-warplanes-head-destroyer-black-sea-150531045733604.html>

27 Incoming NATO Military Committee chairman: Russia could occupy the Baltics in 2 days if it wanted to, <http://www.businessinsider.com/russia-can-occupy-baltics-in-2-days-2015-5>

28 Air Defense Identification Zone, https://en.wikipedia.org/wiki/Air_Defense_Identification_Zone

29 Defying China, U.S. bombers fly into East China Sea zone, <http://www.reuters.com/article/2013/11/26/us-china-defense-usa-idUSBRE9AP0X320131126>

As tensões estão claramente em ascensão. O Japão mobilizou seus caças para interceptar aviões chineses³⁰ sobre o Mar da China Oriental 415 vezes entre março de 2013 e março de 2014 e o ritmo não diminuiu sensivelmente desde então. Por outro lado, a China tem repetidamente interceptado voos de vigilância japoneses e americanos dentro ou perto dos territórios em disputa³¹.

Quando aviões militares rivais operam em tal proximidade, um mero erro de cálculo, ou um acidente, poderia provocar um incidente extremamente desagradável, com risco de escalada. Isso é, precisamente, o que aconteceu na primavera de 2001, quando um avião espião dos EUA colidiu com um avião de combate chinês³² perto da ilha chinesa de Hainan. A crise resultante durou semanas antes que as cabeças se esfriassem e uma solução diplomática fosse alcançada.

Poderíamos pensar que Pequim e Washington teriam aprendido com essa experiência alarmante e tomassem medidas para evitar perigos semelhantes, mas há pouca evidência disso. Na verdade, ambos os países estão atualmente empenhados numa postura arriscada sobre o Mar do Sul da China. Pequim tem ameaçado proclamar uma ADIZ também nessa região³³, apesar das disputas territoriais multifacetadas em curso com os seus vizinhos. Washington está aprofundando seu envolvimento nas tensões subjacentes a essas disputas, in-

cluindo a realização de patrulhas aéreas e marítimas na área³⁴.

Seria ruim o suficiente caso um conflito entre grandes potências irrompesse devido a contraditórios intratáveis sobre questões substantivas cruciais. Seria, entretanto, ainda pior se tal tragédia ocorresse porque os rivais se envolvessem num conflito decorrente de posturas simbólicas irrefletidas. Infelizmente, essa parece ser a tendência tanto no Leste Asiático como no Leste Europeu. Seria sensato que todas as partes envolvidas renunciasses a tais condutas de forma a reduzir o nível de risco, que hoje é alto e crescente. É preciso parar a “Marcha da Insensatez” antes que seja tarde demais.

O delicado equilíbrio de poder mundial multipolar atual pode fazer com que a ideia de que seria possível um Estado vencer uma guerra nuclear³⁵ volte à mente de estrategistas e políticos, após longo tempo ter sido abandonada pela realidade da MAD. Não existe ideia mais perigosa para a humanidade do que a de uma guerra nuclear limitada³⁶ que possa ser vencida por uma das partes em contenda. Essa ideia parece estar ressurgindo nas potências nucleares atuais e potenciais. Interromper sua marcha é tão vital para o futuro da humanidade como reverter a marcha das mudanças climáticas, ameaça de mais longo prazo, porém muito mais mediatizada.

Giges não pode retornar à caverna nuclear: o preço a pagar poderá ser alto

30 Japanese Fighter Jet Scrambles Against China Have Hit a Record High, <http://time.com/56997/japan-china-fighter-jet/>

31 Chinese Intercepts of U.S. Planes Expose Limits of Warming Ties, <http://www.wsj.com/articles/midair-encounter-of-chinese-jet-and-u-s-surveillance-plane-exposes-limits-of-warming-ties-1408896137>

32 U.S. Navy plane collides with Chinese fighter, <http://usatoday30.usatoday.com/news/world/2001-04-01-collide.htm>

33 China's Dangerous \$5 Trillion Dollar Bet: A South China Sea ADIZ?, <http://nationalinterest.org/blog/the-buzz/chinas-dangerous-5-trillion-dollar-bet-south-china-sea-adiz-12887>

34 US considers military patrols of Beijing's artificial islands in South China Sea, <http://www.theguardian.com/us-news/2015/may/13/us-considers-military-patrols-of-beijings-artificial-islands-in-south-china-sea>

35 The nuclear dangers: The red line is closer than you think, <http://www.vox.com/2015/6/29/8845913/russia-war#redline>

36 Limited Nuclear War, <http://www.scientificamerican.com/article/limited-nuclear-war/>

demais! Esforços ainda maiores do que os que vêm sendo feitos para mitigar as mudanças climáticas devem ser urgentemente

empreendidos pela comunidade internacional para evitar essa ameaça, que poderia se configurar em prazos bem mais curtos.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICAS>; Energia nuclear; Guerra nuclear; Direito; Geopolítica; Nova Ordem Mundial; Ciência e Tecnologia;